

BARRIGA, Antónia do Carmo – *Lugares reterritorializados* na era tecnológica: notas sobre as fronteiras entre o público e o privado em ambiente digital. *Configurações: Revista de Ciências Sociais* [Em linha]. 36 (2025) 129-136. ISSN 2182-7419.

LUGARES RETERRITORIALIZADOS NA ERA TECNOLÓGICA: NOTAS SOBRE AS FRONTEIRAS ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO EM AMBIENTE DIGITAL

ANTÓNIA DO CARMO BARRIGAⁱ

Universidade da Beira Interior (UBI)

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – Universidade da Beira Interior
(CIES-UBI)

RESUMO

Este texto remete para alterações ocorridas nas duas últimas décadas no domínio dos média digitais e das práticas comunicacionais que lhes estão associadas, optando-se por destacar a utilização do *smartphone*, na medida em que esta ilustra uma significativa mudança no quotidiano e nas formas de experienciar o mundo. Considerando que as mutações no modo como nos relacionamos com as tecnologias da informação contribuem para uma maior permeabilidade do espaço público aos aspetos privados, elege-se e recupera-se a discussão (clássica) sobre as fronteiras entre o público e o privado – uma questão relevante, em nosso entender, para pensar a esfera pública (digital) na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: média digitais, *smartphone*, público e privado

ⁱ acab@ubi.pt | ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9439-8798>.

ABSTRACT**RETERRITORIALIZED PLACES IN THE TECHNOLOGICAL ERA: NOTES ON THE BOUNDARIES BETWEEN PUBLIC AND PRIVATE IN THE DIGITAL ENVIRONMENT**

This text refers to the transformations that have taken place over the past two decades in the field of digital media and the communicative practices associated with them, with particular attention to the emergence and widespread adoption of the smartphone. The smartphone is highlighted as a paradigmatic example of a broader shift in everyday life and in the ways individuals perceive, interact with, and make sense of the world. Given that changes in how we relate to information technologies contribute to an increased permeability between the public and private spheres, this text revisits the (classical) debate concerning the boundaries between public and private—an issue we consider crucial for reflecting on the (digital) public sphere in contemporary society.

KEYWORDS: digital media, smartphone, public and private

RESUMÉ**LIEUX RETERRITORIALISÉS À L'ÈRE TECHNOLOGIQUE: NOTES SUR LES FRONTIÈRES ENTRE LE PUBLIC ET LE PRIVÉ DANS L'ENVIRONNEMENT NUMÉRIQUE**

Ce texte renvoie aux transformations survenues au cours des deux dernières décennies dans le domaine des médias numériques et des pratiques de communication qui y sont associées, en mettant l'accent sur l'utilisation du smartphone, dans la mesure où elle illustre un changement significatif dans le quotidien et dans les manières d'appréhender le monde. Considérant que les mutations dans la manière dont nous interagissons avec les technologies de l'information contribuent à une plus grande perméabilité de l'espace public aux aspects privés, nous choisissons de relancer la discussion (classique) sur les frontières entre le public et le privé - une question qui, à notre avis, est pertinente pour réfléchir à la sphère publique (numérique) dans la contemporanéité.

MOTS-CLÉS: médias numériques, smartphone, public et privé

NOTA INTRODUTÓRIA

Parte do título escolhido para este texto apropria-se do conceito de re-territorialização, frequentemente usado no âmbito das ciências sociais a partir dos anos 1990, ainda que esse uso já tivesse expressão em Deleuze e Guattari (1972). A noção de território passou a ser polissémica, indo além de um espaço físico delimitado, e o processo de des-territorialização assume-se como uma das principais características do fenómeno de globalização da economia mundial. No entanto, é hoje muito claro que as suas implicações estão além da economia, sendo inúmeras as *distâncias* que se encurtaram ou superaram, as fronteiras que se diluem, as *redes* que se desmaterializaram, os *bens* que se desenraizaram. Na polissemia do termo *território* insere-se também a simbologia de um espaço sem fim – como o da internet aparenta ser –, porém com inúmeros interstícios: os *lugares* onde se expressam práticas sociais, cujo sentido as ciências sociais procuram *desocultar*. Indissociável da ideia de território, encontramos na noção de fronteira outra profícua polissemia recorrentemente usada em ciências sociais, por referência a conceitos e práticas que se deslocam ou diluem. E assim acontece também neste texto.

Nos últimos vinte anos, a par de novos *territórios comunicacionais*, consolidaram-se novos campos científicos. Cumprida a primeira década do milénio, os estudos sobre a internet já eram um campo em rápido desenvolvimento (Ess e Dutton, 2013), sendo que alguns temas entraram nas agendas de investigação, aí adquirindo um lugar permanente – é o caso da temática que indaga o papel da internet na esfera pública (Dahlgren, 2005, p. 147), originando uma vasta literatura em muito marcada pelas perspectivas teóricas balizadas pela dicotomia otimismo/ceticismo. Similarmente, estas duas visões também continuam a enformar as discussões em torno da tecnologia digital, não obstante o crescente contributo de abordagens mais ajustadas à complexidade dos impactos tecnológicos. Sem pretender ignorar tal complexidade, o presente texto é apenas um modo (de entre os possíveis) de olhar para os média digitais contemporâneos e para alguns dos seus impactos.

TECNOLOGIA DIGITAL E PRIVACIDADE

As alterações societais coproduzidas pela inovação em tecnologia digital são observáveis em novas práticas comunicacionais, sociabilidades emergentes e modos diferentes de estar e ser, produzindo efeitos potencialmente transformadores da esfera pública. A relação entre tecnologia e sociedade é, porém, um processo de condicionamento recíproco (Baym, 2010): todo o desenvolvimento tecnológico é produto de relações culturais, sociais, políticas.

As plataformas digitais já não são apenas empresas que fornecem serviços *online* (comércio eletrónico, redes sociais, *streaming* de vídeo e música...). As *Big Tech* (em particular as que originaram o acrónimo GAFAM: Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft) tornaram-se gigantes económicos, passando os seus proprietários a deter um incommensurável poder (também relevante na geopolítica).

Numa brevíssima cronologia, anotamos alguns marcos da evolução no campo das TIC ligadas (maioritariamente) a estas plataformas. Em 2005, com a compra pela Google do sistema operativo Android, começou uma pequena revolução, que haveria de se aprofundar em 2007, com o lançamento da primeira geração de iPhone com ecrã tátil. Em 2008, ano em que surgiram em Portugal os *smartphones*, começava a batalha dos sistemas operativos e a disponibilização de inúmeros aplicativos. Neste contexto, emergiram em Portugal as plataformas de média social: Facebook (2005); Instagram e Twitter (2010); TikTok (2019). A estas plataformas, juntou-se em 2009 o WhatsApp. Beneficiando da velocidade do 4G que nesse ano avançava, este aplicativo rapidamente se tornou o serviço de troca de mensagens mais popular no mundo, enquanto ia caindo em desuso o envio de SMS (a que os portugueses tanto aderiram, particularmente em períodos festivos).

No entanto, em nosso entender, seria o uso do *smartphone* e as infinitas aplicações a que ele dá acesso que operariam uma significativa mudança no quotidiano dos cidadãos e na sua forma de experienciar o mundo. Há muito que se assinalou o carácter intrínseco do telemóvel, o qual se incorpora na vida do sujeito, construindo uma “subjetividade pós-moderna, ou seja, desterritorializada, aberta, presenteísta, esfacelada” (Lemos, 2007, p. 34). Tapscott (2010) denominou-o de canivete suíço digital, dadas as suas inúmeras possibilidades de comunicação.

A IA trouxe funcionalidades para os *telemóveis* que apenas era possível usar em computadores. A relação entre os *smartphones* e a IA é, aliás, bidirecional: por um lado, o primeiro implementa a segunda (por exemplo, executando algoritmos complexos e processando grandes volumes de dados em tempo real); por outro, esta melhora a experiência de utilização do *smartphone* (mais eficiente, personalizado e capaz de antecipar as necessidades). Considerando a liberdade, a autonomia e a constante conexão que o *smartphone* oferece, Tapscott (2010) havia sugerido designá-lo como “amigo” ou “copiloto digital”.

Ora, a promessa de liberdade e autonomia está hoje comprometida de vários modos. Um deles advém da sua capacidade de vigilância. Muitos artefactos tecnológicos trouxeram a vigilância para dentro de casa, mas os atuais dispositivos de comunicação móveis trouxeram a possibilidade de a levar para todo o lado. Tal produz efeitos na esfera pública não negligenciáveis, interferindo, desde logo, na privacidade dos indivíduos e nas suas escolhas (supostamente) pessoais. A privacidade no mundo digital, se ainda não desapareceu, está fortemente comprometida, sendo afetada de múltiplas formas: pela exposição daquilo que de pessoal ou íntimo cada um deliberadamente publicita – *uma visibilidade desejada*; pela apropriação indevida de dados pessoais pelas grandes plataformas digitais (muitas vezes através da utilização de software “gratuito” que regista toda e qualquer pegada) e sujeição à ação do algoritmo – *uma opacidade consentida*; e pela potencialidade da própria tecnologia para exercer múltiplas formas de vigilância – um *controlo incontrolável* que continua a remeter para o panótico idealizado por Bentham (Barriga, 2020). A tecnologia digital, em geral, e as novas práticas a ela associadas concorrem para a desvalorização da privacidade. As alterações nas conceções de privacidade talvez sejam mesmo o marco que assinala a transição para a pós-modernidade, como referiu Baumann (2002).

Na contemporaneidade, tudo parece indicar que mudanças como as da relação com as TIC contribuem para uma maior permeabilidade do espaço público aos aspetos privados. Autores como Baumann (2002) ou Innerarity (2009) têm aludido à intimidade tornada visível. E Brighenti (2010), a propósito da visibilidade, sugere dois modelos principais: num deles, a esfera pública é uma forma de visibilidade em que

se está em público; o segundo é o reino público da visibilidade social, da interação, no qual o reconhecimento do outro se torna central para a construção do eu.

A DILUIÇÃO DE FRONTEIRAS ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

A evolução dos meios de comunicação – e a utilização do *smartphone* ilustra-o bem – tornou as fronteiras entre o público e o privado mais diluídas e porosas do que nunca e tornou mais difícil a compreensão da dicotomia público/privado. A “grande dicotomia”, como Bobbio (1995) a designou, remete-nos agora para a imprecisão e fluidez da fronteira entre as duas noções, para a sua polimorfia e multiplicidade de facetas (os significados dos conceitos, contextos e usos, etc.), e também para a variedade das correntes teóricas que a abordam (muitas delas arquitetadas a partir da formulação clássica de Arendt e Habermas). Problematicar esta dicotomia tornou-se pertinente também para pensar o papel da tecnologia e dos média sociais na esfera pública (digital) contemporânea.

Sabe-se que, em ambiente digital, as fronteiras entre o público e o privado esbatem-se ainda mais (Martins, 2019; Primo *et al.*, 2015; Von Pape *et al.*, 2017, entre outros). Ou seja, os comportamentos nas redes sociais (ou média sociais, como passou a ser conceitualmente mais exato designá-las), para além da dificuldade (já clássica) em traçar a fronteira entre público e privado, evidenciam enormemente a indistinção entre as duas noções. A tal não são alheios, naturalmente, as potencialidades das plataformas digitais e das ferramentas tecnológicas.

A profusão nas últimas décadas de plataformas digitais proporcionou, como refere Carvalheiro (2015), um recrudescimento de discursos em torno do público e do privado que aponta para tendências diversas e, por vezes, de sentidos contrários: por um lado, vislumbra-se o privado ganhando terreno sobre o público, dado que os cidadãos recuam no envolvimento cívico e investem nas relações sociais, na profissão, no lazer; por outro, verifica-se a redução do domínio privado, em consequência da crescente exposição de aspetos da vida pessoal e da dificuldade em proteger os dados pessoais (Carvalheiro, 2015, p. 93).

Neste sentido, a esfera privada digital já não é classificável no binómio político/pessoal, implicando antes uma mistura peculiar de ambos que torna o público menos político e o privado menos pessoal (Papacharissi, 2010). A identidade pessoal adentrou pelos cenários públicos, e o espaço privado, outrora sacralizado, deixou de estar arredado da discussão pública (Carvalheiro *et al.*, 2013, p. 108).

Em síntese, e numa assunção polissémica, diríamos que os *lugares reterritorializados* que os indivíduos hoje *habitam* alimentam o debate em torno do “fim da privacidade” e da “privatização do público”, evidenciando a relevância da tecnologia digital na contemporaneidade e a pertinência do seu estudo no âmbito das ciências sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYM, Nancy – *Personal connections in the digital age*. Cambridge: Polity Press, 2010. ISBN 9780745656199.
- BARRIGA, Antónia do Carmo – A emergência de ferramentas tecnológicas para controlo da Covid-19: uma reinvenção de panóticó imperfeitos. *Observatorio (OBS*) Journal* [Em linha]. Portugal. 16 (2022) 236-250. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/2024>. ISSN 1646-5954.
- BARRIGA, Antónia do Carmo – A publicitação do privado na era da pós-verdade: uma exploração às redes sociais dos líderes políticos portugueses. *Observatorio (OBS*) Journal* [Em linha]. 14 (2020) 056-071. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-595420200002000004&lng=en&nrm=iso. ISSN 1646-5954.
- BAUMAN, Zygmunt – *Modernidad Líquida*. Madrid: Fondo de Cultura Económica de España, 2002. ISBN 9789505575138.
- BOBBIO, Norberto – *State, Government and Society: Elements for a General Theory of Politics*. London: Polity Press, 1995. ISBN 9780943875676.
- BRIGHENTI, Andrea Mubi – *Visibility in Social Theory and Social Research*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010. ISBN 09780230241022.
- CARVALHEIRO, José Ricardo – Privatismo e Privacidade. In CARVALHEIRO, José Ricardo (Ed.) – *Público e Privado nas Comunicações Móveis*. Coimbra: Minerva Coimbra, 2015. ISBN 9789727983582. p. 93-117.
- CARVALHEIRO, José Ricardo; PRIOR, Hélder; MORAIS, Ricardo – Público, Privado e Representação Online: o Caso do Facebook. In FIDALGO, António, e CANAVILHAS, João (Org.) – *Comunicação Digital – 10 anos de investigação*. Coimbra: Edições Minerva, 2013. ISBN 9789727983421. p. 101-109.
- DAHLGREN, Peter – The Internet, public spheres, and political communication: dispersion and deliberation. *Political Communication* [Em linha]. 22:2 (2005) 147-162. Disponível em: <https://www.dhi.ac.uk/san/waysofbeing/data/citizenship-robson-dahlgren-2005.pdf>. ISSN 1091-7675.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix – *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. ISBN 8585490659.

ESS, Charles; Dutton, William – Internet Studies: Perspectives on a rapidly developing field. *New Media & Society* [Em linha]. 15 (2013) 633-643. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1461444812462845>. ISSN 1461-7315.

INNERARITY, Daniel – *A Sociedade Invisível*. Lisboa: Teorema, 2009. ISBN 9789726958635.

LEMOES, André – Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). *Comunicação, Mídia e Consumo* [Em linha]. 4:10 (2007) 23-40. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/97/98>. ISSN 1983-7070.

MARTINS, Paulo – Redes sociais como fontes de informação jornalística: As novas fronteiras da privacidade. In CHRISTOFOLETTI, Rogerio (Ed.) – *Privacidad, transparencia y éticas renovadas*. Málaga: Ediciones Egregius, 2019. ISBN 9788418167027. p. 11-31.

PAPACHARISSI, Zizi – *A Private Sphere: Democracy in a Digital Age*. Cambridge: Polity Press, 2010. ISBN 09780745645254.

PRIMO, Alessandra Teixeira; AMARAL, Ludmila Lupinacci; VALIATI, Vanessa Amalia Dalpizol; BARROS, Laura Santos de – Comunicação privada na internet: Da invenção do particular na Idade Média à hiperexposição na rede. *Intexto* [Em linha]. 34 (2015) 513-534. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58583>. ISSN 1807-8583.

TAPSCOTT, Don – *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010. ISBN 09788522011397.

VON PAPE, Thilo; TREPTE, Sabine; MOTHES, Cornelia – Privacy by disaster? Press coverage of privacy and digital technology. *European Journal of Communication* [Em linha]. 32:3 (2017) 189-207. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0267323117689994>.